



**FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS PIAUIENSE - FACAPI**  
**PÓLO – CAMPO MAIOR/ PI**  
**COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**OS DESAFIOS E AS DIFICULDADES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E  
LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS- EJA: Uma revisão de  
literatura.**

**EULINA LOPES DE SOUSA**

**CAMPO MAIOR - PI**  
**2023**

**EULINA LOPES DE SOUSA**

**OS DESAFIOS E AS DIFICULDADES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E  
LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS- EJA: Uma revisão de  
literatura.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito final para conclusão do Curso de  
Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de  
Ciências Aplicadas Piauiense – FACAPI.

**Orientador: Professora Mestre Cleidiane de  
Carvalho Pereira**

**CAMPO MAIOR - PI**

**2023**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO  
À COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA**

**OS DESAFIOS E AS DIFICULDADES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E  
LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS- EJA: Uma revisão de  
literatura.**

**EULINA LOPES DE SOUSA**

**Banca Examinadora:**

Prof<sup>o</sup>. \_\_\_\_\_

**Orientador Prof. Mestre Cleidiane de Carvalho  
Pereira**

Prof<sup>a</sup>. \_\_\_\_\_

**Examinador (a)**

Prof<sup>o</sup> \_\_\_\_\_

**Examinador (a)**

Dedico ao presente trabalho ao meu marido Joaquim, pelo incentivo constantes, aos meus filhos Joyce, Gustavo e Arthur e em especial o meu neto Matheus de 2 anos que mesmo ele não sabendo falar, mas nos momentos difíceis na qual tive vontade de desistir, através do seu sorriso eu encontrava forças para seguir.

## **AGRADECIMENTO**

Em primeiro lugar a Deus por estar sempre comigo e ao meu genro que me ajudava fazendo brinquedos lúdicos, a minha sobrinha Márcia Laís que sempre está disposta a me ajudar, minha mãe Maria José que ela diz que eu sou guerreira, a meu pai Francisco Xavier e a todos meus irmãos e irmãs. A todos os meus familiares o meu agradecimento e em especial para meus professores pois sempre se dedicaram a passar o melhor para nossa aprendizagem, estendo também meus agradecimentos a todas amigas e amigos da sala de aula e especial minha amiga Simone que sempre me incentivava com palavras de afirmação, a minha amiga Naiana e Mariza e não poderia deixar de falar no prefeito de Nossa Senhora de Nazaré: Zé Henrique. Estendo minha gratidão a todos que fazem parte da FACAPI meu muito obrigada e que Deus abençoe a todos.

## RESUMO

Estamos inseridos em uma sociedade letrada e, portanto, estamos em constante contato com os códigos da língua escrita, partindo dessa perspectiva não se deve ignorar os saberes que cada aluno leva consigo para a sala de aula, eles não são folhas em branco onde os professores irão inserir neles as primeiras impressões dos códigos escritos, levam para as salas de aula uma bagagem de conhecimentos e experiências. Sendo assim, a pesquisa sobre Alfabetização e Letramento na Educação de Jovens e Adultos tem como objetivo principal identificar como se dá o processo de alfabetização na perspectiva do letramento nas salas de aula da EJA. A metodologia utilizada foi qualitativa, bibliográfica. Os referenciais teóricos utilizados na pesquisa foram: Albuquerque; Morais; Ferreira (2013), Freire (1982/2006), Moll (2011), Schwartz (2012) e Soares (2004). A partir da análise dos dados foi percebido que ainda temos profissionais atuantes na EJA que não conhece o conceito de letramento, por isso não consegue alfabetizar na perspectiva do letramento, logo não promove a criticidade a partir da alfabetização, é preciso alfabetizar para a criticidade, para que estes educandos sejam protagonistas de suas histórias, não podemos retroceder.

**Palavras-chave:** Alfabetização e Letramento. Educação de Jovens e Adultos. Analfabetismo.

## ABSTRACT

We are inserted in a literate society and, therefore, we are in constant contact with the codes of the written language, from this perspective one should not ignore the knowledge that each student takes with him to the classroom, they are not blank sheets where teachers will insert in them the first impressions of the written codes, they take to the classrooms a baggage of knowledge and experience. Thus, the research on Literacy and Literacy in Youth and Adult Education has as its main objective to identify how the literacy process occurs from the perspective of literacy in EJA classrooms. The methodology used was qualitative, bibliographical. The theoretical frameworks used in the research were: Albuquerque; Moral; Ferreira (2013), Freire (1982/2006), Moll (2011), Schwartz (2012) and Soares (2004). From the analysis of the data it was perceived that we still have professionals working in the EJA who do not know the concept of literacy, so it can not alphabetize in the perspective of literacy, so it does not promote criticality from literacy, it is necessary to alphabetize For criticality, for these students to be protagonists of their stories, we cannot go back.

**Keywords:** Literacy and Literacy. Youth and Adult Education. Illiteracy.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 Histórico da EJA no Brasil.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 Método Paulo Freire .....</b>	<b>14</b>
<b>2.3 O processo de evasão escolar na EJA.....</b>	<b>20</b>
<b>2.4 Relação professor/aluno da EJA.....</b>	<b>24</b>
<b>3. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EJA.....</b>	<b>27</b>
<b>3.1 Alfabetização numa perspectiva política .....</b>	<b>30</b>
<b>4.CONCLUSÃO .....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de educação básica, que busca a preparação do aluno, do tempo perdido, propiciando a continuidade aos estudos, que envolve como campo abrangente questões sociais, econômicas, políticas e culturais. Dessa forma é assegurado por lei o acesso à Educação de Jovens e Adultos através da Lei 9.394 no “Art.37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL 1996, p.50). De modo que a educação de jovens e adultos busca um ensino de qualidade com foco no aprendizado do aluno, e uma real mudança na qualidade de vida, visando a sua realidade.

De certo que a Educação de Jovens e Adultos enfrentou e vêm enfrentado várias dificuldades ao longo dos tempos. É importante respeitar as “condições culturais” desses jovens e adultos. A educação de jovens e adultos não se baseia apenas em métodos, mas em processos e condições de conhecimento em formar cidadãos autônomos, críticos, reflexivos e capazes de buscar melhores condições de vida. Cabe ao educador criar situações que aproximem as relações de trocas de aprendizado dando ênfase na participação através da socialização.

Por meio das experiências vivenciadas no espaço escolar da coordenação da Educação de Jovens e Adultos – EJA de Nossa Senhora de Nazaré, verificou-se que não há uma efetiva comunicação entre os professores e alunos, chamando à atenção ao distanciamento no aspecto que diz respeito a um ambiente acolhedor, de um espaço e material adequado, de motivação, de acompanhamento desse aluno. Nesse caso o educador tem um papel de suma importância, pois ele precisa entender e conhecer o seu aluno, é necessário criar oportunidades nas quais ocorra uma troca não só de perspectiva de vida, mas de situações que preparam o aluno para o mundo.

Os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos ao adentrarem no universo escolar em busca da alfabetização, em sua maioria tem um objetivo específico, tem um propósito maior por trás do aprendizado da leitura e da escrita, estes em seu cotidiano estão constantemente em contato com códigos

da língua escrita. Adentram nas salas de aula em busca de entender e decifrar esses códigos, sejam para sua independência, carreira profissional, convívio social ou para superar a baixo auto estima a qual muitos se encontram por sentirem-se excluídos de alguma forma da sociedade letrada. O processo de alfabetização destes jovens e adultos não devem se dissociar das questões sociais os quais estão inseridos, a escola é o ambiente propício para desenvolver nestes alunos uma consciência crítica a partir da leitura do mundo como também dos códigos escritos, atribuindo aos códigos sentido social, os quais vejam utilidade em seu cotidiano, que possam se empoderar a partir do domínio da língua escrita.

Neste sentido o processo de alfabetização vai além de codificar e decodificar os signos, vai em busca do uso social, e cada vez mais adentrando na perspectiva do letramento para que estes sujeitos saiam da escola realmente alfabetizados e críticos da sociedade em que estão inseridos, saiam cidadãos conscientes de seus direitos e deveres.

O interesse por estudar sobre a Alfabetização e o Letramento na Educação de Jovens e Adultos surgiu além das inquietações provocadas nas aulas do componente curricular Educação de Jovens e Adultos, ao proporcionar o contato com os sujeitos da EJA, como também dos debates sobre o letramento nas demais disciplinas, os quais levantaram questionamentos sobre o conceito de letramento e como este vem sendo trabalhado nas salas de aula da EJA, sendo que nestes debates se mostravam as dúvidas de como alfabetizar numa perspectiva de letramento.

Para além do debate do processo de ensino-aprendizagem convém ainda conhecer o público atendido pela Educação de Jovens e Adultos, visto que o alvo são pessoas com idade mais avançada que não puderam por algum motivo serem alfabetizados quando mais novos e por isso voltaram a estudar mais tarde. Os quais em sua maioria são trabalhadores e estudam no turno da noite, levando para a sala de aula diversas experiências, sendo assim interessante que o professor possa partir da realidade deles, para o processo de alfabetização.

Tendo como ponto de partida o seguinte questionamento: Como se dá o processo de alfabetização e letramento na Educação de Jovens e Adultos? Este trabalho tem como objetivo geral: Identificar como se dá o processo de

alfabetização na perspectiva do letramento nas salas de aula da EJA. E como objetivos específicos: Verificar como os sujeitos da EJA são reconhecidos no processo de ensino e de aprendizagem; Observar como os conhecimentos prévios dos alunos são considerados em sala de aula; Refletir sobre a importância do processo de alfabetização em uma perspectiva do letramento.

Buscando atender os objetivos propostos este trabalho está estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo, fala sobre a Educação de Jovens e Adultos, apresentando um breve resumo e avanços na Educação de Jovens e Adultos, no segundo capítulo ele apresenta o conceito de alfabetização a partir de Schwartz (2012), retratando a história da alfabetização no Brasil, demonstrando através de dados da UNESCO, IBGE e Inaf os índices de alfabetismo e suas classificações; nas ideias de Freire (1982/2006) é apresentada a Alfabetização numa perspectiva política; e para delimitar sobre a alfabetização e letramento, foram utilizados, Albuquerque; Morais; Ferreira (2013) e Moll (2011) e por fim as considerações finais.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Histórico da EJA no Brasil

A história da Educação teve início com a chegada dos jesuítas, aproximadamente em 1549, tendo em vista a catequização de adultos com funções religiosas, tendo o aspecto mais religioso do que o educacional.

Segundo Azevedo:

[...] Em dois séculos, ou precisamente, em 210 anos, que tanto se entendem desde a chegada dos primeiros jesuítas até a expulsão da Ordem pelo Marquês de Pombal, em 1759, foram eles quase os únicos educadores do Brasil. (AZEVEDO, 1976 p. 9-11).

Com a chegada da família real ao Brasil, percebeu-se a necessidade de mão-de-obra para atender e servir a realeza. Segundo Piletti (1988, p. 165) “a realeza procurava facilitar o trabalho missionário da igreja, na medida em que esta procurava converter os índios aos costumes da Coroa Portuguesa”.

Em 1881 foi intitulada a “Lei Saraiva” homenageando o então Ministro do Império José Antônio Saraiva, através do Decreto nº 3.029, a Lei tinha por objetivo ser responsável pela primeira reforma eleitoral do Brasil, conceder o “título de eleitor”, aos homens, modo que proibia analfabeto ao voto, começou então a pensar que o voto era de grande contribuição política, pois grande parte não sabia nem ler e escrever (PAIVA, 1973).

Entre 1887 a 1897 no Império-República, grandes discussões na educação surgiram tais como as “ligas contra o analfabetismo” que visava o direito ao voto e tendo o Estado assumir suas reais obrigações em relação à educação, voltadas para melhorias na qualidade do ensino, com intuito a população analfabeta. (PAIVA, 1973).

As discussões ainda não pararam segundo Paiva:

As reformas da década de 20 tratam da educação dos adultos ao mesmo tempo em que cuidam da renovação dos sistemas de um modo geral. Somente na reforma de 28 do Distrito Federal ela recebe mais ênfase, renovando-se o ensino dos adultos na primeira metade dos anos 30. (PAIVA, 1973, p.168).

Com a falta de políticas consistentes voltadas para a educação de jovens e adultos o governo viu a necessidade de criar um “fundo destinado à alfabetização de adultos”, pois o índice de analfabetismo surgiria em meados de 1940. Já em 1945 no final da ditadura de Vargas, ocorreu o “movimento de fortalecimento dos princípios democráticos do país”, (PORCARO, 2011).

No ano de 1949 na Dinamarca foi realizada a “I Conferência Internacional sobre a Educação de Adultos”. Essa Conferência trouxe a ideia de uma educação de adultos como uma “espécie de educação moral”, onde contribuiria para o “respeito aos direitos humanos”. Já a “II Conferência Internacional” realizada em Montreal em 1963, baseava-se em dois enfoques: a “educação permanente, a educação de base ou comunitária”. Na “III Conferência Internacional” em Tóquio em 1972, a educação de adultos ficou entendida como “suplência da educação fundamental (escola formal)”, e em Paris aconteceu “IV Conferência Internacional em 1985” caracterizando-se pela “pluralidade de conceitos”, onde se discutiu temas relacionados à educação de forma que proporcionasse melhorias no aspecto técnico, pedagógico e metodológico da EJA, (GADOTTI, 2011).

De acordo com Gadotti (2011, p.43), a “história da educação de adultos dita, no Brasil, poderia ser dividida em três períodos”:

1º De 1946, em que foram realizadas grandes campanhas nacionais de iniciativa oficial, chamadas de “cruzadas”, sobretudo para “erradicar o analfabetismo”, entendido como uma “chaga”, uma doença como a malária. Por isso se falava em “zonas negras de analfabetismo”.

2º De 1958 a 1964. Em 1958 foi realizado o 2º Congresso Nacional de Educação de Adultos, que contou com a participação de Paulo Freire. Partiu daí a ideia de um programa permanente de enfrentamento do problema da alfabetização que desembocou no Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, dirigido por Paulo Freire e extinto pelo Golpe de Estado de 1964, depois de um ano de funcionamento. A educação de adultos era entendida a partir de uma visão das causas do analfabetismo, como educação de base, articulada com as “reformas de base”, defendidas pelo governo popular / populista de João Goulart. Os CPCs (Centros Populares de Cultura), extintos logo depois do golpe militar de 1964, e o MEB (Movimento de Educação de Base) apoiado pela Igreja e cuja duração foi até 1969, foram profundamente influenciados por essas ideias.

3º O governo militar insistia em campanhas como a “Cruzada do ABC” (Ação Básica Cristã) e posteriormente, com o MOBREAL.

Nessa perspectiva o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) ficou marcado na história da EJA, com finalidade de “redemocratização”, que visava o “controle da população rural”. No ano de 1989 foi criada a “Comissão Nacional de Alfabetização” com o então coordenador Paulo Freire, com intuito de preparar o “Ano Internacional da Alfabetização (1990)”, GADOTTI (2011).

Ainda no ano 1990 foi lançado o PNAC (Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania), que proporcionou uma ambiciosa estratégia de mobilização nacional, contudo o mesmo não foi instaurado devido à crise do governo do presidente Fernando Collor, pelo impeachment. Tempo depois o MEC formalizou em destinar mais recursos na educação infantil do que na EJA, objetivando reduzir a geração de analfabetos. A União voltou a investir na EJA no ano de 1997, com o Programa Alfabetização Solidária, que atendia os municípios com maiores taxas de analfabetismo.

Todos esses fatos históricos contribuíram para uma mudança na educação da EJA, tornando-a mais igualitária, focada na valorização do Adulto e do Jovem, e na capacitação dos professores vinculados ao Programa/ Modalidade.

## **2.2 Método Paulo Freire**

Tratar de Paulo Freire consiste em falar de libertação, conscientização e visão de mundo transformado. Freire defendia os direitos do povo, daqueles que não tiveram a oportunidade de fazer valer seus direitos como cidadãos. De acordo com Cecília de Lora:

“Paulo Freire revela-nos de forma vivencial as exigências mais sutis do processo de conscientização. Penso que o grande mérito de Paulo, o mestre bondoso e estimulante, está precisamente em ser catalizador honesto de uma série de inquietudes que se agitam em nosso meio.” [...]. (DE LORA, 2006, apud FREIRE, 2006, p. 10).

O método Paulo Freire era voltado para a realidade vivenciada do indivíduo, onde o aluno identifica-se com a aprendizagem. Prezava por uma alfabetização que estimulasse a criação, o desenvolvimento psicológico,

emocional e social do aluno, levando em consideração suas vivências, ou seja, um método inovador e transformador. De acordo com Freire:

“Contradizendo os métodos de alfabetização puramente mecânicos; projetávamos levar a termo uma alfabetização direta, ligada realmente a democratização da cultura e que servisse de introdução; ou, melhor dizendo, uma experiência susceptível de tornar compatíveis sua existência de trabalhador e o material que lhe era oferecido para aprendizagem.” (FREIRE, 2006, p. 47).

Desse modo, o processo de ensino deveria dar-se a partir da vivência da realidade de cada aluno, de sua visão de mundo, onde o conteúdo da aprendizagem estivesse de fato ligado ao processo de aprender. Passando assim por várias fases de elaboração e aplicação do método, procurava-se abordar as palavras principais dentro do universo e do dia a dia do grupo a ser pesquisado e trabalhado. O processo passa por três etapas importantes: a etapa da investigação onde o professor e o aluno buscam as palavras geradoras dentro do universo vocabular e da sociedade na qual ele está inserido, a etapa de tematização, em que os alunos aprendem a codificar e decodificar o significado das palavras tomando consciência do mundo e a etapa da problematização, transformando o modo que esse aluno vê para assim ter a possibilidade de mudar o contexto na qual ele vive.

“As palavras geradoras devem nascer desta procura e não de uma seleção que efetuamos no nosso gabinete de trabalho, por mais perfeita que ela seja do ponto de vista técnico” (FREIRE, 2006, p.49).

Selecionando as palavras dentro do contexto vocabular do aluno, criando e elaborando situações cotidianas que fazem parte da realidade do grupo ao qual se trabalha. Desse modo o educando sente-se familiarizado com o processo de ensino e aprendizagem, pois o que ele está aprendendo faz parte de fato de sua vida cotidiana.

Através da metodologia de vivência do aluno, de acordo com Freire, é possível perceber as dificuldades fonéticas desse grupo a partir da identificação das palavras geradoras.

“(...) o educador propõe a visualização da palavra geradora, e não a memorização, quando se visualiza a palavra e se estabelece o laço semântico entre ela e o objeto a que se refere representado na situação, mostra-se ao aluno por meio de outro diapositivo, a palavra sozinha sem o objeto correspondente. Imediatamente depois apresenta-se a mesma palavra separada em sílabas, que o analfabeto geralmente identifica como partes. “Reconhecidas as partes, na etapa da análise, passam-se a visualização das famílias silábicas que compõe as palavras em estudo.” (FREIRE, 2006, p.51).

Levando assim o educando a possibilidade de analisar e classificar as palavras, a partir de uma sílaba e assim, identificar todo o resto da família fonética, formando a palavra final. Desse modo produzindo, não somente o conhecimento, mas levando ao reconhecimento, e a partir daí chegar a escrita.

Em um dos seus livros “Educação como Prática da Liberdade”, Freire (2011, p.48) cita ainda, mais cinco fases para se executar a prática do método: o levantamento do universo vocabular com quem se trabalha; a escolha das palavras selecionadas do universo vocabular pesquisado; a criação de situações existenciais típicas do grupo com que vai se trabalhar; a elaboração de fichas de roteiro que auxiliem os coordenadores de debate no seu trabalho e a elaboração de fichas para a decomposição das famílias fonéticas. Freire procurava através de essas fases investigarem e conhecer o educando para assim elaborar as atividades de forma que eles pudessem identificar-se com o processo de aprendizagem, sentisse-se parte do processo, e não meros reprodutores, mas sim, transformadores e agentes de sua própria história.

Os conceitos e métodos a liberdade oferecida aos alunos segundo Freire é a:

“[...] matriz que proporciona sentido a uma educação que não pode ser efetiva e eficaz senão na medida em que os educandos nela tomem parte de maneira livre e crítica. Esse é um dos princípios essenciais da organização dos círculos de leitura” [...] (FREIRE, 2006, p. 59).

Tendo mais liberdade de expressão o educando consegue transferir para o educador a realidade a qual ele vive, de modo que consiga absorver desses diálogos coletivos as reais necessidades de aprendizagem desse aluno, podendo assim intervir de maneira qualitativa dando a necessária orientação.

Dessa forma, tem-se o foco voltado para a alfabetização em conjunto com a conscientização, pois de nada adianta alfabetizar sem conscientizar, sem ampliar e transformar a visão de mundo dos educandos. “Contribuindo para a vida social do grupo”. “A conscientização tem por ponto de partida o homem brasileiro, o homem do povo, com sua maneira própria de captar e de compreender a realidade, captação e compreensão de tipo especialmente mágico” (FREIRE, 2006, p.60).

Despertando um novo olhar no analfabeto, levando-o a compreender que a falta de conhecimento não precisa ser eterna e que ignorância total não existe. Assim, todos podem aprender e desenvolver suas capacidades e habilidades por mais difícil que se pareça a princípio.

Segundo Brandão:

Falo sobre como o método educa enquanto se constrói e, portanto, falo de método como um processo, com as sequências e etapas que ele repete a cada vez; como uma história coletiva de criar e fazer, que é sua melhor ideia (BRANDÃO, 2006, p.15).

Para Paulo Freire não bastava apenas ensinar, a aprendizagem precisava estar ligada ao processo de criação e inovação, um aprendendo com a experiência do outro, ensinava-se coletivamente, trazendo a realidade vivenciada pelo povo no dia a dia, para a sala de aula por meio dos círculos de cultura.

Paulo Freire pensou que um método de educação construído em cima da ideia de um diálogo entre educador e educando, onde há sempre partes de cada um no outro, não poderia começar com o educador trazendo pronto, do seu mundo, do seu saber, o seu método e o material da fala dele. (BRANDÃO, 2006, p.21).

Ninguém é detentor do saber; sempre haverá algo novo para aprender, o processo de ensino e aprendizagem é longo e contínuo. Por isso criou-se o círculo de cultura, onde se aprendia coletivamente.

Círculo, porque todos estão à volta de uma equipe de trabalho que não tem um professor ou um alfabetizador, mas um animador de debates, que como um companheiro alfabetizado, participa de uma atividade comum em que todos se ensinam e aprendem [...]. De cultura porque muito mais do que o

método individual de “saber ler e escrever”, o que círculo produz são modos próprios e novos, solidários, coletivos de pensar. E todos juntos aprenderão, de fase em fase, de palavra a palavra, que aquilo que constroem e outra maneira de fazer a cultura que os faz, por sua vez, homens sujeitos, seres de história-palavras e ideias-chaves no pensamento de Paulo Freire. “(BRANDÃO, 2006, p.44)”.

Através das fichas de cultura era possível levar o educando a reler o mundo, com desenhos que faziam parte da realidade daquele povo, e também, com perguntas simples sobre o desenho, que os levavam a refletir e a pensar sobre a razão das coisas, e assim, mudando e transformando o modo no qual esses educandos enxergavam o mundo. Por meio do círculo de cultura, eles tinham a oportunidade de se reunir em grupos para discutir e procurar soluções para os problemas diários da vida cotidiana. A democratização da cultura disse certa vez um desses anônimos mestres analfabetos, tem que partir do que somos e do que fazemos como povo. Não do que pensam e querem alguns de nós (BRANDÃO, 2006).

O conceito de círculo de cultura tinha a mesma concepção que hoje temos na EJA, ou seja, a concepção de transformar a visão de mundo desses educandos, levando-os a ter novas perspectivas de vida, enxergando o mundo de outra forma, para que assim eles se sintam autores da própria história.

O objetivo do círculo de cultura era provocar o diálogo e a clareza da consciência, incentivando o educando a escrever em casa todas as palavras que foram capazes de gerar, procurando sempre respeitar o ritmo de cada um, não forçando nem exigindo. O mesmo trabalho coletivo de construir o método, a cada vez, deve ser também o trabalho de ajustar, inovar e criar a partir dele (BRANDÃO, 2006, p. 68).

Após o diálogo gerado através do círculo de cultura, os educandos eram incentivados a pensar e a repensar sobre o que fora aprendido, para que assim o aprendizado não ficasse somente no círculo de cultura, mas fosse levado para o cotidiano, o dia a dia de cada um deles. Como as palavras geradoras eram palavras do cotidiano, fazia com que automaticamente eles ligassem uma coisa à outra, esse processo era feito de forma lenta, respeitando as limitações de cada um, a aprendizagem ia surgindo aos poucos.

No círculo de cultura era inserido tudo aquilo que faz parte da vida da comunidade e da localidade. Cada aluno já vem com conteúdo do seu cotidiano, cabe ao educador saber trabalhar isso em sala de aula, para tornar esse educando um sujeito alfabetizado/letrado; ou seja, alguém que conhece e entende de fato o mundo ao qual está inserido.

“Mundo este, ao qual o aluno está inserido, reflete na aprendizagem de cada um, por isso é tão relevante à leitura anterior do mundo.” O método de alfabetização de adultos do professor Paulo Freire não representa mais do que a fase inicial de um longo processo dentro do sistema de educação”. (BRANDÃO, 2006 p.81).

A partir do método Paulo Freire, iniciou-se o processo de educação de Jovens E Adultos, porém, esse processo é longo e demorado, pois requer toda uma mudança no sistema educacional. Requer uma educação voltada especialmente para jovens e adultos, que realmente fale a linguagem desses educandos.

Não basta somente ensinar, mas sim preparar o educando para a vida em sociedade, para a cidadania, de modo que ele venha desenvolver o senso crítico reflexivo para entender e compreender o real motivo e o porquê das coisas e não apenas reproduzir, mas aprender a pensar e questionar o que pensou. De forma que ele entenda que é o principal sujeito de sua história.

O educador tem como trabalho “reinventar” a educação. Há uma proposta politicamente humana: a de criar com o poder do saber do homem libertado, um homem novo, livre também de dentro para fora. Trabalhando e alfabetizando com amor, diálogo e compreensão, Paulo Freire fez história, e atualmente, seus métodos são utilizados no processo de ensino e aprendizagem na educação de jovens e adultos (BRANDÃO, 2006 p.85).

O método Paulo Freire era voltado para a libertação do homem, libertação esse a qual ele se referia, era a libertação do homem com relação a sua visão de mundo, a partir do momento em que esse homem começava a ler e escrever, ele se renovava, descobria um mundo antes não visto por ele. Freire usava o amor e acreditava que é a partir do diálogo que se percebe as reais necessidades para assim procurar coletivamente a solução.

Poucas vezes, em toda a história da educação, um mero “processo de alfabetização” atingiu tantas pessoas e ocasionou tamanha discussão. Poucas vezes, também um método, vinte anos depois de sua criação, continuou a gerar conhecimento com a mesma força e vida de seu início. Mais que um simples processo de alfabetização, Paulo Freire criou uma prática pedagógica. Cujos embasamento político obrigou a própria educação, a repensar-se a reconhecer em cada indivíduo um agente da história (BRANDÃO, 2006).

A forma de alfabetizar de Paulo Freire é tão importante para a nossa educação que venceu o tempo, fez com que os métodos pedagógicos fossem repensados de forma a qual a educação começasse a entender que é o indivíduo que constrói sua própria história, e até hoje esse método é utilizado com a mesma eficácia do início, logicamente com algumas adaptações, mas ajudando a muitas pessoas a se reconhecerem como agentes construtores e reconstrutores de sua história.

### **2.3 O processo de evasão escolar na EJA**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino da rede pública que visa garantir as pessoas que não tiveram acesso ao ensino regular na idade apropriada a dar continuidade aos estudos.

A Legislação Brasileira diz:

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1997, p.2).

A respeito disso, é possível compreender que educação é dever da família, Estado e escola visando à permanência do aluno. Como diz no Art. 37º LDB/96: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.

Mas com o passar dos anos o mercado de trabalho vêm avançando e surgem as novas tecnologias, em que essas exigem mais mão de obra

qualificada. Dessa forma, várias famílias que se situavam nas zonas rurais foram morar nos centros urbanos. Com mudanças ocorridas, exigiam-se mais conhecimentos e maior escolarização e dessa forma precisariam voltar à escola básica. A partir daí, surge o reingresso do adulto as turmas da EJA.

A educação permite ir à busca de uma vida mais equilibrada permitindo a esses adultos buscar uma melhoria de vida. Para que aumentem as possibilidades individuais de educação, e para que se tornem universais, é necessário que mude o ponto de vista dominante sobre o valor do homem na sociedade, o que só ocorrerá pela mudança de valoração atribuída ao trabalho. Quando o trabalho manual deixar de ser um estigma e se converter em simples diferenciação do trabalho social geral, a educação institucionalizada perderá o caráter de privilégio e será um direito concretamente igual para todos. (Pinto, 2000, p.37).

Haja vista que, a Educação de Jovens e Adultos reflete bastante na vida dos adultos ingressantes, abrindo cada vez mais espaço trazendo assim mais significado em busca de novos conhecimentos, fazendo-os refletir sobre a importância de ir à busca do crescimento pessoal.

A estrutura da Educação Brasileira com toda a sua diversidade vem garantir uma educação que se organiza e se distribui de diversas formas.

Deste modo, a educação no Brasil tem passado por grandes mudanças começando pela educação básica, levando no desenvolvimento de uma escolarização mais qualitativa.

A Educação Básica no Brasil se destina as crianças com até três anos de idade, sendo que na pré-escola se destina a crianças com 4 e 5 anos dessa forma denomina-se Educação Infantil.

Dos seis anos de idade em diante, dá-se início a educação formal em que o conhecimento do aluno se aproxima em diversos assuntos de modo geral e científico dando continuidade ao durante todo o Ensino Fundamental.

O Ensino Fundamental nos dias atuais tem duração de 9 anos se estendendo do 1º ao 9º ano obrigatório na constituição descrito na lei Nº 11.274 oportunizando maior tempo na aprendizagem e mais qualidade no ensino.

E por fim, o Ensino Médio com duração de três anos, não há uma obrigatoriedade descrita na constituição que descreve no artigo 208: “[...] II-

progressiva universalização do ensino médio gratuito.” (BRASIL, 2006, p.102). A obrigatoriedade no Ensino Médio é, portanto, responsabilidade do Estado.

No entanto, o abandono nesta última modalidade é maior devido a não obrigatoriedade deste ensino. Entretanto, em 2003 o MEC – (Ministério da Educação e Cultura) propunha que a alfabetização de Jovens e Adultos passaria a ser prioridade do Governo Federal.

Para compreender sobre a evasão escolar se tem em vista que não é um caso isolado, mas um termo preocupante e que pode vir a produzir uma série de determinantes que causa efeito na produtividade da vida escolar.

Deste modo fica em evidência a importância que a educação de jovens e adultos representa na vida dos ingressantes, pois assim têm-se a oportunidade de recuperar o que lhe é de direito.

[...] defasado em relação aos processos educativos com as novas tecnologias; com falta de qualidade dos serviços oferecidos; com falta de relação entre os currículos e a realidade social; com iniquidade de acesso e permanência nas escolas. (GÓMEZ, 1999, p.35-7)

Tais aspectos acompanham a trajetória dos alunos da EJA, e de certa forma pode vir a ter grandes influências no que diz respeito ao processo escolar.

Os alunos da Educação de Jovens e Adultos ao integrarem-se, tendo isso por direito, buscam a princípio satisfazer suas particularidades no que diz respeito à escolarização. Em se tratando de Evasão Escolar, ARROYO relata:

“Na maioria das causas a evasão escolar tem a responsabilidade de atribuir a desestruturação familiar, e o professor e o aluno não têm responsabilidade para aprender, tornando-se um jogo de empurra.” (ARROYO, 1997, p.23).

Sabe-se que muitos são os fatores que levam a evasão, mas é importante a escola estar preparada tanto para receber quanto para formar os adultos ingressantes, pois estes estão em busca de novas oportunidades.

Segundo ARROYO:

“(...) os jovens e adultos continuam vistos na ótica das carências escolares: não tiveram acesso, na infância e na adolescência, ao

ensino fundamental, ou dele foram excluídos ou dele se evadiram; logo propiciemos uma segunda oportunidade”. (ARROYO, 2006, p.23).

A grande questão em evidência quando se trata de evasão, sem deixar de citar as questões sociais, econômicas, políticas e culturais, poderá ter muito a ver com o que a não permanência na EJA causa na vida desses adultos e estar na EJA propicia uma nova oportunidade de vida.

E pensando nessa problemática à medida que isso acontece mais cresce o número de jovens e adultos que ainda não completaram a educação básica na idade correta. Carlos Cury aponta no artigo “Direito a Educação direito à igualdade, direito à diferença” que:

O direito à educação escolar é um desses espaços que não perderam e nem perderão sua atualidade. Existe garantia ao acesso dos cidadãos à educação básica. Afinal, a educação escolar é uma dimensão fundante da cidadania, e tal princípio são indispensáveis para políticas que visam à participação de todos nos espaços sociais e políticos e, mesmo, para reinserção no mundo profissional. O contorno legal indica os direitos, os deveres, as proibições, as possibilidades e os limites de atuação, enfim: regras. Tudo isso possui enorme impacto no cotidiano das pessoas, mesmo que nem sempre elas estejam conscientes de todas as suas implicações e consequências. (CURY, 2002, p. 245-246).

Por outro lado, para que se possa superar o fracasso escolar é necessário o investimento em alternativas de modo que o educando possa se desenvolver na sociedade.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação a LDB:

A educação nacional é inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, objetiva o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o serviço responsável da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, Lei nº 9.394/96 Art. 2º 1996).

Muito mais que ensinar a ler e escrever são também ter a preocupação em inseri-los no processo educacional, valorizando a experiência que este aluno já traz consigo ao longo da vida para que ele possa se sentir alguém importante e que possa ter uma visão de novas perspectivas de vida.

## 2.4 Relação professor/aluno da EJA

A Educação de Jovens e Adultos permeia por um processo, que visa uma efetiva relação de respeito de se colocar no lugar do outro tanto do aluno quanto do professor. Nessa perspectiva ambos os papéis estão interligados, necessitando assim de um melhor desenvolvimento no processo educacional.

O professor dentre muitos atributos que possui, precisa buscar significado dentro das diferentes situações de aprendizagem desenvolvendo com seus alunos as competências para um melhor aprendizado. É importante trazer as suas realidades várias alternativas e refletir sobre cada uma delas na prática em diferentes situações e buscando pensar no seu educando em sua totalidade, “a noção de professor reflexivo vivenciadas em sala de aula baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não mero reproduzidor de ideias e práticas que lhe são exteriores”. (ALARCÃO, 2011, p. 44).

O perfil desse educador vai além de conhecimentos adquiridos, na verdade vai ao encontro no desempenho das suas funções no cotidiano, estando em contato com o educando e de como esta relação acontece.

Segundo Augusto Cury:

O educador tem como trabalho levar seu aluno a pensar, a desenvolver autonomia, senso crítico, mas sem esquecermos que estamos ensinando pessoas, sendo assim não se pode deixar de humanizar a educação, levando em consideração o educando no seu total. (CURY, 2013, p.57).

Para que o educar aconteça é imprescindível que o contexto em que o educando está inserido se desenvolva, neste conceito o papel do educador além de proporcionar meios e alternativas de aperfeiçoamento intelectual e cognitivo está também em cumprir com o seu papel social.

O educador/professor necessita estar ao lado de seu educando buscando compreender, e acompanhar seu desempenho. Esforçando – se em formar reconhecer a sua identidade e aperfeiçoar a sua consciência crítica e visão de mundo direcionando a buscar e compreender qual o seu verdadeiro papel de educador da EJA.

Buscar conhecer o aluno é um pré-requisito para uma boa relação, assim evidencia-se um avanço da qualidade no processo de ensino-

aprendizagem. Este conhecer só acontece através da afetividade nas relações, em que um respeita o limite e o espaço do outro possibilitando assim, uma consonância que vai muito além de mais um aprendizado, mas no encontro em benefício de reconhecimento da consciência e autonomia.

Quando o educador se preocupa com seu educando está cumprindo com o seu papel e deste modo à relação entre ambos pode refletir positivamente no processo de aprendizagem. Assim, o educador em potencial tem a tarefa de preparar o educando para a sociedade pensando nele como alguém com potencial.

Esta relação professor/aluno é de grande importância, pois consiste em encaminhá-lo a vida, de modo a identificar qual é a sua contribuição no meio social, a partir da autoconsciência, “(...) exerce o papel de um dos mediadores sociais entre o universal da sociedade e o particular do educando” (LUCKESI, 1994, p.15).

No processo de ensino e aprendizagem da EJA não é somente o educando que aprende, a aprendizagem é construída com a troca de experiências de educandos e educador, ambos fazem parte desse processo, e através do diálogo é possível obter essa troca de experiência.

Com tudo o que pesquisamos e com toda a nossa vivência na modalidade da EJA, percebemos que o educador, o aluno e a escola precisam estar em sintonia. O aluno da EJA não pode ser tratado como criança, não se pode simplesmente pegar um plano de aula qualquer com conteúdo do Ensino Fundamental Regular e aplicar para eles, afinal estamos educando adultos, é preciso que se diferencie o modo de ensino e aprendizagem para esse público, esse processo de educação de jovens e adultos é chamado de Andragogia como definiria Cavalcanti (1999):

A Andragogia significa, portanto, “ensino para adultos”. Um caminho educacional que busca compreender o adulto desde todos os componentes humanos, e decidir como um ente psicológico, biológico e social. Busca promover o aprendizado através da experiência, fazendo com que a vivência estimule e transforme o conteúdo, impulsionando a assimilação. (CAVACANTI, 1999, p. 67).

No entanto sabemos que ainda existem muitas barreiras na Educação de Jovens e Adultos, barreiras essas que com o passar dos tempos estão

sendo superadas, porém ainda tem muito que melhorar no que se refere a investimentos.

O educando entende que ele faz parte do mundo em que vive e que é responsável pelas mudanças que ocorrem em sua vida, sendo capaz de construir e reconstruir sua história da melhor forma e quando quiser.

Assim, a aprendizagem acontece de modo motivador e com significado em uma relação direta em que é possível expressar a autenticidade do indivíduo enquanto agente ativo em seu meio social.

### 3. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EJA

A fim de conceituar Alfabetização e Letramento, utilizaremos das concepções aferidas por Magda Soares em artigos de sua autoria Alfabetização e Letramento: Caminhos e Descaminhos e Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. Faremos isso em razão da aproximação com a visão que defendemos e que se afina à perspectiva dos professores/alfabetizadores e estudantes, objeto dessa pesquisa.

O termo alfabetização por anos vem sofrendo algum tipo de modificação em seu significado ou na sua aplicabilidade, como os profissionais da EJA entendem e aplicam este conceito é o que vai ser analisado por esta pesquisa, e para isso é necessário entender quais são os conceitos apresentados para alfabetização ao longo desses anos.

Para entendermos melhor essa modificação ao longo dos anos podemos ler em Schwartz (2012, p.23), quando ela traz que:

Até 1940, eram consideradas alfabetizadas as pessoas que declaravam saber ler e escrever e que assinavam seu nome para comprová-lo. A partir de 1950 e até o último censo, realizado no ano de 2000, os instrumentos de avaliação foram alterados e passaram a considerar alfabetizados os que se declaravam serem capazes de ler e escrever um texto simples.

Ainda em Schwartz, vemos as variações do conceito e de interpretações de um sujeito alfabetizado, o que para alguns, ser alfabetizado significa dar conta da leitura de um pequeno texto, para outros é fundamental a inserção na cultura escrita e nos usos que dela se faz. Assim podemos perceber que alfabetização não vai ter um conceito imutável, mas de algo que vai se adequando as necessidades de cada época, em cada sociedade.

Segundo Soares (2004, p.96) o termo Letramento “é palavra e conceito recentes não só na linguagem da educação como também nas ciências linguísticas”. Assim sendo, este conceito surgiu como resposta de pesquisas de vários teóricos, especificamente, Emília Ferreiro, sobre a qual teceremos algumas considerações e influência que Soares se aproxima da autora quando se fala nestes conceitos.

A psicóloga argentina Emília Ferreiro segundo Soares (2004) investiga os processos de elaboração e de aquisição de conhecimentos, com foco nos

mecanismos cognitivos relativos à leitura e a escrita. Ferreiro crítica o método tradicional de alfabetização voltada apenas para o domínio do código escrito. Não fazendo distinção entre os termos alfabetização e letramento.

No entanto, Magda Becker Soares não só crítica o “método tradicional” , mas também busca apresentar especificidades dos processos de letramento e alfabetização como complementares. Para tanto a autora “[...] Alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita isto é através, de atividades de letramento.” (SOARES, 2003, p.14).

A partir de uma necessidade em relação às práticas de alfabetização que existia, ou seja, o “domínio do sistema alfabético e ortográfico” que foram constituídos por este processo de alfabetizar:

Esses comportamentos e práticas sociais de leitura e de escrita foram adquirindo visibilidade e importância à medida que a vida social e as atividades profissionais tornaram-se cada vez mais centradas na e dependentes da língua escrita, revelando a insuficiência de apenas alfabetizar – no sentido tradicional – a criança ou o adulto. (SOARES, 2004, p.96)

As mudanças ocorridas nas práticas sociais históricas a necessidade de se ampliar os métodos que já havia ocorrendo principalmente na alfabetização no qual a crianças adquirem a habilidade de escrever e ler. Evidencia-se isto que vai muito além este processo de ler e escrever, ou seja, o letramento contribui para que estes sujeitos sejam capazes de fazer uso da leitura e escrita do seu cotidiano. A autora faz um esclarecimento que “[...] devido ao fato de o conceito de letramento ter sua origem em uma ampliação do conceito de alfabetização, esses dois processos têm sido frequentemente confundidos e até mesmo fundidos”. (SOARES, 2004, p. 97).

Diante desta perspectiva de estudos destes conceitos vale destacar que percebemos que para Soares uma não pode acontecer sem a outra. Tanto a alfabetização que é o domínio do código alfabético escrito / ortográfico quanto o letramento que é adquirido por um contexto de usar estas habilidades de escrever, ler em práticas sociais em vários contextos que este sujeito estiver inserido. Como a autora cita que os [...] “dois processos sejam reconhecidos como indissociáveis e interdependentes”. (SOARES, 2004 p.97).

Aponta Soares (p.97) que nos anos 1980 houve uma mudança na perspectiva de aprendizagem da língua escrita com a presença dos estudos na autora Emília Ferreira, sobre a influência do construtivismo<sup>4</sup> do teórico Jean Piaget. Soares faz uma crítica em relação a isto, o que reforça sua posição em relação aos conceitos que estamos discutindo que:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. (SOARES, 2003. p. 14).

Analisando a citação de Soares aos conceitos supracitados podemos entender que tanto alfabetização quanto letramento estão presentes no processo de alfabetização que a aquisição da escrita da leitura pela autora acontece nas práticas sociais, ou seja, no cotidiano quando esta criança ou adulto é inserido pelas diversidade variados de “tipos gêneros textuais de leitura e escrita e passar a compreendê-lo. Ou seja, parte de como vamos fazer uso deste em qual meio onde os sujeitos estejam inseridos.

Os índices apresentados pelo IBGE (2018) indicam que o Brasil ainda tem 11,5 milhões de analfabetos, esse número corresponde a 7,0% da população, esse dado aumenta quando fazemos o recorte para a Região Nordeste, a qual apresentou a maior taxa de analfabetismo, chegando a 14,5% da população com 15 anos ou mais. (IBGE – PNAD Contínua)

A mudança sobre a alfabetização e o apoio as diferentes correntes teóricas não podem ficar apenas nos discursos acadêmicos e oficiais, enquanto isso se mantiver o que veremos na prática serão os índices elevados de não aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos, como vemos hoje.

A responsabilidade pelos resultados recai, por isso, muitas vezes, sobre o professor que continua reproduzindo ações, concepções e atitudes, sem demonstrar compreensão das evidentes mudanças necessárias para a prática pedagógica que as novas e crescentes demandas da linguagem escrita requerem. (SCHWARTZ, 2012, p. 37)

### 3.1 Alfabetização numa perspectiva política

A sala de aula é também um local de encontro de diversas identidades, conhecimentos e práticas, as diferenças são encontradas em cada sujeito que a frequenta, nas salas de Educação de Jovens e Adultos, essas diferenças são mais caracterizadas, tomando como ponto de partida o público atendido por essa modalidade de ensino, onde vamos encontrar adolescentes, jovens, adultos e idosos, essa diferença de faixa etária possibilita um encontro de saberes diferenciados, culturas e pensamentos. Portanto não é possível afirmar que alfabetizar é uma prática neutra, não há neutralidade quando se trata da prática educativa como um todo “do ponto de vista crítico, é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político” (FREIRE, 1982, p. 26).

A prática educativa, reconhecendo-se como prática política, se recusa a deixar-se aprisionar na estreiteza burocrática de procedimentos escolarizantes. Lidando com o processo de conhecer, a prática educativa é tão interessada em possibilitar o ensino de conteúdos às pessoas quanto em sua conscientização. (FREIRE, 2011, p. 22)

O professor exerce um papel importante na formação da sociedade, podendo ser uma ferramenta do sistema para a reprodução da cultura dominante, onde as desigualdades são mantidas ou até mesmo reforçadas, ou optar por ser um problematizador, ter em sua prática uma educação emancipatória, crítica e política, que mostre aos educandos que eles podem e devem ser protagonistas de suas histórias, utilizando o que os alunos levam como experiências para promover uma educação libertária, que os mesmos se utilizem desses conhecimentos agora sistematizados em suas práticas diárias.

A alfabetização tendo como ponto principal apenas a codificação e decodificação tem uma intencionalidade por trás, essa prática mecanicista e bancária vê o analfabetismo como uma erva-daninha que deve ser exterminada, como indicio de incapacidade ou pouca inteligência e quer manter sujeitos fáceis de alienação.

Freire (2006) diz que o analfabetismo é tido, em visão ingênua, como a manifestação da incapacidade de um povo, como um problema que se deve ser erradicado, ele fala ainda que essa visão ingênua é na verdade uma visão

astuta, pois parte daqueles que sabem muito bem o que estão fazendo e o que querem, quando perpetuam essa ideia. Freire defende que é necessário alfabetizar para a criticidade, onde o aluno aplica o que aprendeu em seu cotidiano, que ele seja um cidadão consciente de seus atos.

Freire não cita diretamente o termo letramento em sua obra, mas aponta que é necessário alfabetizar esses jovens e adultos partindo de suas realidades, quando diz que “O aprendizado da leitura e da escrita não pode ser feito como algo paralelo ou quase paralelo à realidade concreta dos alfabetizandos.” (FREIRE, 2006, p. 18). Ao alfabetizar partindo da realidade dos educandos o professor procura formar cidadãos críticos, politizados em suas práticas, que não se permitem ver seus direitos negados e fiquem no comodismo, aprendem que podem e devem lutar por seus direitos.

#### 4. CONCLUSÃO

A motivação para a realização deste trabalho surgiu através das experiências vivenciadas no estágio supervisionado, em que ao estagiar em turmas da Educação de Jovens e Adultos percebia as dificuldades na modalidade da EJA, dentre elas destacou-se a evasão, despertando o interesse de pesquisar e aprofundar em busca de entender essa problemática.

O desenvolvimento da presente pesquisa possibilitou uma análise de como se dá o processo de alfabetização na perspectiva de letramento nas salas do primeiro segmento da Educação de Jovens e Adultos

Ao longo desta pesquisa constata-se os principais aspectos que norteiam a educação de jovens e adultos tais como o histórico, o método Paulo Freire, o processo de evasão, a relação professor/aluno que serviram de subsídio para uma completa absorção de dados.

Até através dos estudos realizados, importantes informações foram levantadas que ajudaram a compreender os reais motivos que levam a evasão escolar especificamente na turma da EJA. Muito mais que compreender nos levou também a refletir em como existem fatores determinantes que influenciam no processo de ensino-aprendizagem.

A evasão infelizmente está presente no contexto da EJA por diversos motivos, dentre eles destacam-se o cansaço físico, pois a grande maioria dos alunos opta por estudar na EJA devido a trabalhar durante o dia e estudar no período da noite, o horário de início das aulas também é uma dificuldade, a falta de incentivo da família e a dificuldade em aprender contribuem em grande peso para que os alunos da EJA evadam.

Mediante os dados coletados o que mais chama a atenção é o fato de que a grande maioria dos alunos quer estar na EJA, apesar do mercado de trabalho ser exigente, eles voltaram a estudar por vontade própria, por acreditarem que o estudo tem grande relevância em suas vidas e faz diferença sim, pois acreditam que se não tivessem abandonado os estudos suas vidas seriam melhores, destacando que os alunos da EJA em sua maioria, apesar das dificuldades não tem vontade de abandonar os estudos, muito pelo contrário, desejam não apenas concluir o Ensino Médio, mas chegarem a faculdade e até mesmo a pós-graduação.

O objetivo dessa pesquisa permeia também em conhecer o perfil do professor atuante na EJA bem como o perfil do aluno ingressante nessa modalidade em que é possível conhecer como este professor está preparado para ensinar e de como o aluno vem absorvendo a aprendizagem. Em decorrência dos dados levantados através da aplicação do questionário observou-se que esses profissionais optaram por atuar na EJA por identificarem-se ou por indisponibilidade de vagas em outros turnos.

Verificou se que o educador da EJA em sua maioria se percebe como um estimulador da aprendizagem, fazendo com que seus alunos se sintam instigados a buscar cada vez mais conhecimentos que podem servir de motivação para que se sintam parte do processo. Como diz PINTO (2010. P.116): “O educador tem, portanto, que acompanhar o movimento da realidade. A forma de vida pessoal mais perfeita na qual pode realizar este intento é permanecer em constante vinculação com o povo”.

Para que assim aconteça é importante que este educador esteja em constante contato com seu aluno passando a conhecê-lo em sua totalidade para que haja a troca de experiência.

Nota se que a grande maioria dos alunos percebe o professor não como um estimulador ou um mestre, mas como uma pessoa comum. Baseadas nesses dados, concluímos e percebemos que o professor é ferramenta indispensável no processo de ensino e aprendizagem, que por meio da figura do educador o aluno sente-se estimulado e motivado a seguir em frente e essa relação precisa ser de interação e colaboração entre as partes, para que se alcancem os objetivos desejados, como cita CURY (2003, p. 62):

“Não basta ser eloquente. Para ser um professor fascinante é preciso conhecer a alma humana para descobrir ferramentas pedagógicas capazes de transformar a sala de casa e a sala de aula num oásis, e não numa fonte de estresse”.

O professor da EJA precisa perceber seu aluno como um todo levando sempre em consideração todos os seus aspectos, intermediando o processo de ensino aprendizagem, mas sem jamais se esquecer de que está trabalhando com seres humanos que não são uma tabula rasa e sim pessoas com

experiências enriquecedoras e transformadoras que contribuem para a aprendizagem.

Percebe-se que de fato a evasão ainda é uma problemática que precisa ser vencida no contexto da EJA, mas para que isso ocorra é preciso que haja mudanças desde o sistema educacional, perfil do professor da EJA, a metodologia de ensino aplicada e a postura de todos os profissionais que lidam diretamente com Jovens e Adultos.

A responsabilidade é de todos, em todos os aspectos, pois o trabalho precisa ser realizado em conjunto envolvendo aluno, professor, equipe pedagógica e família em todas as etapas do desenvolvimento do ensino aprendizagem na educação de jovens e adultos tendo em vista uma educação qualitativa e transformadora.

Ao refletir sobre a importância do processo de alfabetização em uma perspectiva de letramento, juntamente com as respostas dadas pelas professoras, o que foi percebido é que há uma necessidade de debater sobre o tema com os professores que se encontram nas salas de alfabetização, aqueles que estão na prática, para que não fique apenas no discurso de um ou outro profissional, pois foi algo que as professoras pesquisadas não souberam falar sobre tal importância, além de mostrarem confusão com os conceitos, não demonstraram essa perspectiva em suas práticas, chegando a afirmar que o letramento não é importante, sendo este inferior a alfabetização, algo que não está correto, pois como vimos, por mais que sejam distintos, os dois deveriam ocorrer intrinsecamente.

Dada a importância do debate sobre alfabetização e letramento na Educação de Jovens e Adultos, o resultado desta pesquisa veio mostrar que ainda temos profissionais atuantes na EJA que não conhece o conceito de letramento e como se alfabetizar letrando para uma visão crítica de mundo, não conseguem compreender como utilizar a leitura de mundo que estes sujeitos levam para sala de aula, sendo esta leitura anterior a leitura da palavra.

Ao ter contato com os sujeitos da EJA, ter conhecimento das diferentes histórias de vida e ver de perto a força de vontade que eles têm para continuar estudando, motiva cada vez mais a pesquisar e lutar para que estes sujeitos não tenham seu direito a educação negado mais uma vez, fazendo-se necessário lutar sem cessar para que a Educação de Jovens e Adultos

continue fazendo seus frutos. Faz-se necessário defender o direito a educação, acolher estes sujeitos que buscam um direito que lhes foi negado em algum momento de sua vida, apresentar- lhes novas oportunidades. Alfabetizar para a criticidade, para que estes educandos sejam protagonistas de suas histórias, não podemos retroceder.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, F. **A Transmissão da cultura**. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

BARCELOS, Valdo. **Formação de professores para educação de jovens e adultos**. 4ª edição. --- Petrópolis, RJ: ed. Vozes, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire/** Carlos Rodrigues Brandão. São Paulo: Brasiliense, 2006, (coleção primeiros passos; 38).

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

CARNEIRO, Selma de Souza. **Práticas Escolares para Diminuir a Evasão na EJA**.

CAVACANTI, Roberto de Albuquerque. **Andragogia: A aprendizagem nos adultos**. Revista de Clínica Cirúrgica da Paraíba, 1999.

CURY. Augusto Jorge, 1958. **Pais Brilhantes Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro. Ed sextante, 2003.

DURANTE, Marta. **Alfabetização e Adultos: leitura e produção de textos/** Marta Durante. — Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 34 ed --- São Paulo. Ed: Paz e Terra: 2011 (Prefácio Moacir Gadotti).

GADOTTI, Moacir. **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta/** Moacir Gadotti, José E. Romão (orgs.). --- 12 ed.--- São Paulo: Cortez, 2011.

LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei 9.394/1996**. -2. ed.- Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação/** Cipriano Carlos Luckesi. — São Paulo: Cortez, 1994. — (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).

Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CP/CNB 11/2000, de 10 de maio de 2000. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

OLIVEIRA, D. A. **Gestão democrática na educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

PORCARO, Rosa Cristina. **Educação de Jovens e Adultos: A regulamentação das políticas educativas no Brasil**, 2011.

REBELO, Márcia Nunes; SANTOS, Sandra Jaqueline Salvador dos; **Evasão Escolar: Um Desafio a ser Superado na Educação de Jovens e Adultos.**  
SILVA, Alda Maria da; PIMENTEL, Fernando Silvio Cavalcante; **Planejamento escolar no combate e Evasão no ensino Noturno.**

SILVA, Jaqueline Luzia Da. **Letramento: uma prática em busca da (re) leitura do mundo** --- Rio de Janeiro: Wk Ed, 2009.

SOARES, Leôncio José Gomes. **A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais.** Revista Presença Pedagógica, v.2, nº11, Dimensão, set/out 1996.

SOARES, Leôncio José Gomes. **O surgimento dos Fóruns de EJA no Brasil: articular, socializar e intervir.** In: RAAAB, alfabetização e Cidadania – políticas Públicas e EJA. Revista de EJA, n.17, maio de 2004.

SCHWARTZ, S. **Alfabetização de Jovens e Adultos.** 2. ed. Petrópolis: Vozes: 2012